

Jornal de Notícias

Saldos de 2005

Anova Câmara de Aveiro tinha prometido intervir no Espaço Público. Esperava-se que o fizesse de modo diferente; esperava-se que fosse com mais conhecimento específico ou, no mínimo, com mais bom-senso e privilegiando os seus maiores utilizadores os peões. Pelos vistos (e ao que parece), assim não será.

As obras que decorrem, não sendo nem muitas nem profundas, assumem como bons propósitos e ideias anteriores - nalguns casos velhas, em desuso e perniciosas - que já provaram não servir nada, nem ninguém.

Para além disso, "obras" é coisa que sempre haverá, sendo que, por assim ser, cabe a quem as promove garantir o conforto e a segurança de quem por elas passa.

Reflectam sobre o assunto e mudem de paradigma; é que não se está a falar de chinesices, nem a querer o impossível. Estão-se a invocar espaços públicos como os da Expo em Lisboa, alguns renovados no Porto e, de certo modo, algumas soluções adoptadas aqui no Canal de S. Roque. Está-se, meus caros, a invocar investimento na segurança, no conforto e na apazibilidade da vida urbana.

Patrocínio

A dimensão, geometria e modo de funcionamento da recém construída Rotunda do Policlínica na Variante à EN109, são inadequadas; disso resulta não apenas a sua inoperacionalidade, mas também a perigosidade da sua utilização. Se até um qualquer aluno da arte de fazer estas coisas o saberia, porque não o souberiam os respectivos "técnicos" autores?

Se uma casa, ou uma ponte caem, cai, também, o "Carmo e a Trindade" e todos têm de ir a julgamento. Se um doente morre, aqui d'el Rei que a culpa foi do médico processe-se, o gajo. Entretanto, fazendo-se uma "rotunda-ratoeira" destas, parece que nenhum dos "ratos" (mesmo depois de apanhados) se incomoda.

Acabemos com (esta e outras) situações do mesmo tipo. Primeiro, façamos da responsabilidade profissional uma oportunidade, mas também uma exigência segure-se e premei-se quem o merece, puna-se e corra-se com os demais. Depois, no presente caso, redesenhe-se a solução e reconstrua-se o necessário. Isso será sempre mais barato do que o que quer que seja.

"Julgamos que o dinheiro será mais bem gasto nas mãos dos contribuintes do que em processos administrativos", terá dito o Vereador Pedro Ferreira para justificar a quebra de receitas a que a Câmara de Aveiro se dispõe no âmbito da redução das taxas da Derrama e Imposto Municipal sobre Imóveis.

Tá bem... mas se maior fosse a redução, maior seria a quantidade de dinheiro a ser "bem gasto" pelos contribuintes, ou será que não? Bem e se acabássemos com tais impostos, e com os ditos processos administrativos, e com eu sei lá mais o quê (que o diga o "quasi-proto-anarca" Vereador"), isso é que suscitaria o bom governo de cada um de nós, da cidade, do país, do planeta e eu sei lá mais o quê (que o diga quem faz sabe)

Deixemo-nos de tretas demagógicas. Impostos deste tipo devem existir e são necessários. O seu valor tem de ser ponderado, quer em função dos aspectos constantes da legislação que os estabelece com efeitos Nacionais, quer em função duma estratégia de desenvolvimento Local que cabe à autarquia fixar. Ora é exactamente isto que falta a relação explícita, compreensível e quantificada entre o que se cobra hoje, num determinado local e caso e o que se cobra noutras situações, para que assim nos aproximemos da cidade e sociedade que em conjunto queremos. Isso dá trabalho; isso implica a formulação da tal "estratégia"; isso é coisa à qual até parece que somos avessos. Por favor: por uma vez, façamos isso; pode ser que até lhe ganhem o gosto.

Um dia disse que a Avenida Dr. Lourenço Peixinho em Aveiro tinha muito mais Bancos, que bancos. Infelizmente isso é cada vez mais verdade acabam de surgir mais dois. Um substituiu a Livraria Vieira da Cunha; outro instalou-se no que foi a Loja de Materiais Severim Duarte. Cinicamente poder-se-ia dizer que bancos é coisa que agora até não faz falta na Avenida; e, de facto (um pouco) assim é.

O processo de desqualificação deste espaço público central vem de longe e agrava-se; umas vezes por acção, outras por omissão. O futuro - do meu ponto de vista - não é promissor é negro. A perda de residentes; a terceirização centrada nos passantes não locais; o incremento do volume e velocidade do tráfego automóvel de atravessamento; o strip-tease arbóreo; a introdução de novos elementos arquitectónicos num tecido urbano esclerótico cria uma cacofonia ensurdecadora. Existe uma ONG - a ADERAV - que em (suposta) defesa do património (quase) nada fez para alterar isso (muito pelo contrário, como poderemos explicar um dia). Existe um Departamento Autárquico Especializado e, também, uma Comissão Consultiva de tais matérias e outras afins. Existe eu sei lá mais o quê... e o que existe, também - e persiste -, é o problema. Bem, mas a nova Câmara prometeu pegar no caso; só espero que não o "arresolvam", por exemplo.

publicado a 2006-01-05 às 00:00

Para mais detalhes consulte:

http://www.jn.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=530010

GRUPO CONTROLINVESTE

Copyright © - Todos os direitos reservados